

Apresentação

Walter Omar Kohan*

*...uma das condições necessárias a pensar certo é
não estarmos demasiado certos de nossas certezas.*

Paulo Freire

*A*os leitores de uma revista de educação podem chamar poderosamente a atenção as expressões que nosso dossiê coloca em conjunção. Uma primeira dúvida, certamente legítima, surge em relação ao interesse da filosofia pela educação. Correm tempos em que os filósofos profissionais parecem preocupados com outras questões, mais nobres e menos contaminadas, não tão sujeitas as vicissitudes do mundo. Tanto os filósofos têm-se despreocupado da educação que em muitas universidades latino-americanas a própria disciplina *filosofia da educação* mudou-se dos departamentos ou faculdades de filosofia para os departamentos ou faculdades de educação, sem que os filósofos tenham reagido com a preocupação de quem perde alguma coisa de valor. Esse movimento parece mesmo lógico. É um fato, se atentarmos às práticas e às produções dos filósofos profissionais contemporâneos, que a educação não se encontra entre suas preocupações mais significativas.

A questão poderia até não chamar muito a atenção e ser considerada uma simples opção profissional. Porém, um exame rápido da história da filosofia não permite tamanha indulgência. Desde os gregos, a filosofia ocidental nasceu com uma relação entranhável à educação. A afirmação se verifica, por uma parte, em que filósofos como Platão, Rousseau ou Hegel tenham escrito extensa e intensamente sobre educação. Mas é muito mais do que isso. Na imensa maioria dos filósofos da história ocidental, verifica-se uma enorme preocupação com as implicações pedagógicas da própria concepção e prática filosóficas. Desde o poema de Parmênides e os aforismos de Heráclito, o ensino nômade dos sofistas e as conversas não escritas nas ruas atenienses de Sócrates, os filósofos parecem ter tido uma imensa inquietação pelas implicações pedagógicas de suas teorizações e ações. O caso

* Doutor em filosofia pela Universidade Iberoamericana (México) e professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

de Sócrates é certamente paradigmático: até na hora de sua própria morte o pedagógico dominou suas preocupações.

Com este Dossiê, queremos chamar a atenção sobre algumas possibilidades contemporâneas da interação entre filosofia e educação. Trata-se de uma vinculação de mútuo aproveitamento. A educação empunha da filosofia esse pensar radical dos pressupostos e conseqüências da própria prática e teoria. A filosofia recebe da educação sua consumação social numa prática e teoria transformadoras. Sem a filosofia, a educação torna-se errante e ligeira. Sem a educação, a filosofia torna-se abstrata e inexpressiva.

A última parte da conjunção proposta por este Dossiê é ainda mais surpreendente. Com efeito, se pode parecer estranho que os filósofos se preocupem com a educação, muito mais surpreendente é uma suposta preocupação com a educação das *crianças*. Filósofos preocupados enquanto tais pelas crianças? Onde? Quando? Neste caso, o apelo à história da filosofia oferece pouco crédito: a imensa maioria dos filósofos do passado - com contadas exceções como o Montaigne aqui presente - não parecem muito preocupados com as crianças. Existe certamente um bom número de filósofos que refletiram sobre as crianças e sobre o conceito de infância. Mas, em quase todos os casos, as reflexões se vêm contaminadas por idéias de época dominantes que persistentemente desqualificam e subestimam as crianças e a infância. São raros os casos dos filósofos que oferecem uma reflexão edificante e mais raros aqueles que consideram as crianças como aptas para filosofar. Foi somente neste século, apenas trinta anos atrás, que um filósofo norte-americano - Matthew Lipman - ocupou-se sistemática e persistentemente com as crianças.

As preocupações de Lipman foram não somente teóricas. Lipman se propôs dispor a filosofia, em sua história, seus temas, problemas e métodos, de maneira que fosse acessível às crianças. Ao longo de trinta anos, conformou um extenso e abrangente currículo de novelas filosóficas para que as crianças vivessem a filosofia. Montou também um conjunto de materiais para auxiliar os professores a levar essa proposta à sala de aula. O programa conhecido como *filosofia para crianças* foi expandido a diversos países. Hoje são mais de trinta países que têm desenvolvido experiências nesta área, incluído o Brasil.

A tentativa de Lipman abriu rumos inexplorados para a filosofia. Por uma parte, mostrou que a prática filosófica não somente pode produzir mudanças significativas nas crianças, como também pode ter repercussões significativas na própria filosofia. A criação de um campo novo de reflexão filosófica, denominado "filosofia da infância", que está consolidando-se desde há pelo menos duas décadas, é uma delas. Porém, os possíveis ganhos para a filosofia vão muito além disso: ela pode tirar ensinamentos hoje impensáveis desta relação com as crianças, na epistemologia, na ética, na filosofia social e política, enfim, nas suas diversas áreas. Poderão domínios submetidos a uma razão logocêntrica e adultocêntrica, que arrasa com as diferenças todas, ouvir

uma outra voz? A resposta a esta pergunta sinalizará em que medida a filosofia na educação das crianças poderá conduzir a uma educação da própria filosofia.

Neste dossiê estamos apresentando um conjunto de textos de diverso alcance nesta relação entre a filosofia e a educação das crianças. Por isso, dividimos os textos em três seções. Na primeira delas - I. A filosofia na educação das crianças - incluímos trabalhos mais claramente vinculados à própria prática filosófica com crianças. É o que nos oferece, por exemplo, Ann Margaret Sharp, que acompanha Matthew Lipman quase desde as origens de sua tentativa. Sharp apresenta um texto, "A filosofia e a libertação das crianças", que numa linguagem simples propõe uma maneira de perceber a filosofia na educação das crianças como instrumento de libertação das cadeias às quais um uso irrefletido e acrítico da linguagem sujeita as crianças. Nesta mesma direção, o trabalho de Louise Brandes, "Investigação e Diálogo Filosófico em Sala de Aula: Uma aproximação entre as Idéias de John Dewey e Matthew Lipman", tem como objetivo mais importante estabelecer relações entre o programa *filosofia para crianças* de Matthew Lipman e as idéias pedagógicas centrais do seu referente teórico mais significativo, John Dewey. Por sua parte, o filósofo gaúcho Sérgio Sardi propõe em "Para filosofar com crianças..." um outro marco teórico para pensar as condições da prática filosófica com crianças. Sardi sugere que o aprendizado da relação é possível a partir do resgate de nossa história pessoal e do exercício da admiração, o que se efetiva na relação com crianças, não antes. Por sua vez, o texto da argentina Vera Waksman, "Filosofía y crítica en la escuela: una propuesta de formación ética", estuda diversas posturas com relação à dimensão ética da prática filosófica com crianças. Neste sentido, a autora resgata a proposta de Lipman de fazer das aulas comunidades de investigação filosófica como uma maneira legítima de desenvolver a investigação ética.

Na segunda seção - II. Filosofia da Infância - oferecemos alguns textos no campo desta recente área da filosofia. O texto de Ana Míriam Wuensch, "Revisitando Montaigne - um olhar humanista sobre a educação filosófica das crianças", apresenta textos significativos e atuais de Montaigne sobre a relação entre filosofia e crianças e, ao mesmo tempo, propõe uma reflexão baseada nesses textos sobre as possibilidades de uma educação filosófica para as crianças. Na verdade, a autora também está sugerindo um caminho mais amplo de busca nos filósofos do passado. Por sua parte, David Kennedy, em "Reconstruindo a Infância", sugere uma reflexão multidisciplinar sobre a infância como categoria que dá conta da posição marginal que as crianças - tanto como as mulheres, os escravos e outros excluídos - têm ocupado através da história da cultura, economia e política ocidentais. Segundo Kennedy, estamos num momento histórico com possibilidades de reconstruir não somente o conceito de infância, mas o próprio conceito de fase adulta ou de maturidade.

Por último, na terceira seção - III. A filosofia na Faculdade de Educação da UnB -, em "Notas para pensar a filosofia nos dias de hoje", Fabiana Rassi analisa um dos problemas básicos e clássicos da filosofia: sua tentativa inacabada de autodefinição. Rassi desenvolve o tripé que deve suportar toda a atividade filosófica: reflexão, crítica e criação. O trabalho de Bernardina Leal, "A quem compete filosofar?", noticia sua dissertação de mestrado em educação sobre o filosofar infantil e ao mesmo tempo oferece algumas reflexões sobre as crianças como sujeitos legítimos do filosofar. O texto de Marcos von Zuben e Mariliz Tranquilini apresenta algumas reflexões sobre a filosofia na formação de professores a partir de um Curso Intensivo com professores da Rede Pública do D.F. Finalmente, o texto de Walter Kohan discorre sobre o Projeto "Filosofia na Escola", que junto com o Decanato de Extensão e o Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, bem como a Fundação Educacional do Distrito Federal, o Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da UnB vem desenvolvendo em Escolas Públicas do Distrito Federal, propondo a prática da filosofia nos ensinos infantil e fundamental.

Através deste dossiê, a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília reafirma seu compromisso com um campo inovador de pesquisa, integrado ao ensino e a extensão, e, ao mesmo tempo, voltado para uma educação transformadora. Cabe a nosso leitor avaliar os textos e as possibilidades desta interlocução entre a filosofia, a educação, e nossas crianças.